O ESPORTE CONTEMPORÂNEO E O MODELO DE CONCEPÇÃO DAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DO ESPORTE

Renato Francisco Rodrigues Marques
Gustavo Luis Gutierrez
Marco Antonio Bettine de Almeida

Resumo
O esporte contemporâneo se configura pela busca por lucros e por suas inúmeras formas de manifestação. Essa característica se deve às diversas incorporações do esporte em formas distintas de cultura, além de objetivos, expectativas, possibilidades e limitações, da parte dos praticantes, que delimitam as formas de prática. O Modelo de concepção das formas de manifestação do esporte é uma proposta de sistematização das possíveis vertentes desse fenômeno na sociedade do século XXI. Configura-se pela análise de três categorias que compõem as formas de manifestação desse objeto: o ambiente da prática, a modalidade esportiva em questão e o sentido que se dá à essa atividade. De acordo com a combinação desses fatores, toma-se uma forma de manifestação, que transmitirá valores morais específicos aos sujeitos envolvidos.

Palavras-Chave:

Esporte; Valores morais; Sociedade; Educação.

THE CONTEMPORARY SPORT AND THE MODEL OF CONCEPTION IN THE WAYS OF MANIFESTATION OF THE SPORT

Renato Francisco Rodrigues Marques
Gustavo Luis Gutierrez
Marco Antonio Bettine de Almeida

Abstract

The contemporary sport configures the search for profits and its innumerable forms of manifestation. This characteristic occurs by the diverse incorporations of the sport in distinct forms of culture, beyond objectives, expectations, possibilities and limitations, of the part of the practitioners, who delimit the practical forms. The Conception of the manifestation sport forms model is a systematization of the possible sources of this phenomenon in the society of XXI century. It is configured for the analysis of three categories that compose the manifestation forms of this object: the environment of the practical one, the modality in question and the mean that takes this activity. In accordance with the combination of these factors, is overcome a manifestation form, that will transmit specific moral values to the involved citizens.

Key-Words:

Sport; Moral values; Society; Education.

Introdução

O esporte se configura na sociedade contemporânea como um fenômeno pautado na busca por lucros e no seu caráter heterogêneo. Isso se dá devido a questões sócio-históricas que motivaram sua divulgação e espetacularização, principalmente após o fim da Guerra Fria (MARQUES, 2007).

É relativo a um desses pontos de análise que se pauta o presente artigo. Mais especificamente nas diversas formas de manifestação do esporte. Esse fenômeno acontece em diversos ambientes, através de modalidades reguladas por regras e histórias próprias e com sentidos introduzidos de acordo com as expectativas, objetivos, limitações e possibilidades dos participantes. Isso confere um caráter heterogêneo que transmitirá valores morais de acordo com a forma de manifestação que se apresenta.

O objetivo deste ensaio é, de acordo com conceitos da sociologia do esporte, otimizar a sistematização de um modelo de análise sobre as formas de manifestação do esporte, já apresentado em outro trabalho (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007). Sua importância se dá na criação de subsídios teóricos para reflexões ligadas à sociologia e pedagogia do esporte, assim como de políticas públicas ligadas a esse fenômeno.

A metodologia utilizada se baseia em análise de referencial teórico ligado à sociologia do esporte, mais precisamente na obra de Pierre Bourdieu, em referência aos estudos desse autor ligados ao campo esportivo e às diversas formas de manifestação desse objeto.

Este ensaio se estrutura em três itens: reflexão sobre o caráter heterogêneo do esporte; a descrição do *Modelo de concepção das formas de manifestação do esporte*; Relações entre os ambientes, modalidades e sentidos possíveis para a prática esportiva.

Formas de manifestação do esporte contemporâneo

Uma das facetas do esporte contemporâneo se apresenta na heterogeneidade de suas formas de manifestação. Embora contenha características específicas, esse fenômeno apresenta traços diferentes de acordo com o ambiente em que se insere (STIGGER, 2002). Ao observar manifestações esportivas não é difícil notar semelhanças e diferenças entre elas. Assim como outras produções culturais humanas, apresenta uma grande elasticidade semântica. Logo, oferece uma significativa disponibilidade para usos diferentes, até opostos, podendo mudar de sentido.

O grau dessas possibilidades não é infinito, pois embora as disposições para o esporte sejam inúmeras, o espaço dos possíveis é restrito, preso ao que se considera como pertencente ao universo esportivo (BOURDIEU, 1990).

Essa elasticidade pode ser justificada de acordo com a influência de três premissas básicas, que interferem nas ações dos sujeitos (BOURDIEU, 1983): (a) o conhecimento praxiológico, aquele que se dá no cotidiano de forma empírica; (b) a noção de *habitus*, sistema de conhecimento do sujeito a partir de vivências em um meio social; e (c) o conceito de campo. As variáveis derivadas dessas três fontes possibilitam formas distintas de interpretação e ação frente ao fenômeno esportivo, pois o esporte se adapta e deriva de características e imposições do ambiente em que está inserido, se manifestando de forma a atender às exigências e necessidades de quem o pratica, sendo um resultado das condições sociais e da carga cultural de quem se envolve com ele.

Mesmo considerando o papel de cada modalidade no universo esportivo, é possível que estas possam ser praticadas de inúmeras formas. As alterações no sentido dominante se dão, de forma primordial, pelas interpretações dos participantes, principalmente os novatos. Essas diferentes formas de compreensão derivam da origem cultural e das disposições dos indivíduos constituídas socialmente. É na relação entre o espaço das diferentes modalidades e das relações sociais que se define as propriedades pertinentes de cada forma de prática esportiva (BOURDIEU, 1990).

Nesse campo, cada sujeito se apropria das regras e normas do esporte de acordo com sua perspectiva e transforma a prática a partir desse mesmo modelo. Por isso, é possível afirmar que para compreender as diversas manifestações esportivas é preciso considerar o significado dessas para os participantes (STIGGER; SILVA, 2004).

Porém, é preciso ter claro que o esporte se configura como um universo único e próprio de características específicas, mas que se desmembra em diversas formas de manifestação. Nesse contexto, torna-se um equívoco afirmar que existem vários tipos de *esportes*. Muito pelo contrário, esse é um fenômeno ímpar, dotado de algumas características maleáveis (como o ambiente e o sentido dado à prática) e não-maleáveis (sua história, a competição inerente à prática e o uso do corpo para a atividade). Considerar o esporte somente como um fenômeno ligado ao alto rendimento, ou denominar diferentes modalidades como futebol, basquetebol, boxe, entre outras, como *esportes*, simbolizam ações de reducionismo ou de

generalização desse fenômeno. Todas as manifestações esportivas são - um único - *esporte*, apresentando-se de acordo com o ambiente em que se insere, cabendo aos exemplos citados a denominação de modalidades esportivas (MARQUES, 2007).

Uma forma de exemplificar essa realidade é a existência de inúmeras modalidades esportivas e as infinitas possibilidades dessas se apresentarem em diversos contextos. Não se pode atribuir uma função social exclusiva a cada modalidade esportiva. Sem dúvida, uma mesma modalidade pode ser desfrutada como prática recreativa, ser ensinada como atividade pedagógica, ou ser comercializada como espetáculo de massa (PRONI, 1998).

Tem-se nesse quadro inúmeras modalidades esportivas, pautadas por suas histórias, regras, normas, costumes, ambientes, materiais e objetivos próprios, que, dotadas de um sentido (significado) para a prática, produzem uma forma de manifestação do esporte (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Um campeonato profissional de voleibol tem um sentido (competição de alto rendimento) e deriva de uma modalidade esportiva (voleibol). A inter-relação entre esses dois fatores, inseridas num ambiente especifico, compõe o contexto (campeonato), ou seja, uma forma de manifestação do esporte. Um grupo de idosos que se reúne para jogar voleibol (modalidade), visando diversão e a possibilidade de praticar atividade física (sentido), com equipes que se revezam e regras adaptadas às suas necessidades, intenções e limitações também pratica esporte, sob outra forma de manifestação. Ambos os grupos estão envolvidos com a prática esportiva, porém sob aspectos diferentes e expostos a situações e valores distintos.

Modelo de concepção das formas de manifestação do esporte

Toda prática esportiva expressa uma forma de manifestação do esporte, e é concebida na inter-relação de um sentido (uma razão de ser, transmitindo valores) e de determinada modalidade (mesmo que as regras adotadas sejam adaptadas em relação às formalizadas por entidades normativas da modalidade em questão, ou criadas pelos praticantes), que se apresentam num determinado ambiente social.

Para compreender uma manifestação esportiva é preciso observá-la como um fenômeno complexo, que pode estar presente em diversos ambientes de prática. Uma maneira de executar tal análise se apresenta no *Modelo de concepção das formas de manifestação do esporte*. Para a configuração deste modelo, faz-

se necessário compreender, num primeiro momento, os ambientes de manifestação do esporte, e num segundo, refletir sobre os valores transmitidos pelos seus diversos sentidos. Quanto às modalidades esportivas, apresentam maior especificidade, variedade e autonomia frente à regras e história, podendo estar presentes em qualquer ambiente, sob qualquer sentido (MARQUES, 2007).

As formas de manifestação do esporte são compostas por três esferas interligadas: Ambiente da prática; Modalidade da prática; Sentido da prática.

O ambiente da prática engloba a esfera social em que se realiza a prática esportiva. Diz respeito aos meios profissional, não-profissional e escolar. É o campo de realizações nos quais as modalidades esportivas se concretizam, pautadas em sentidos que a contextualizam e lhe dão significado.

A modalidade da prática diz respeito às diversas modalidades esportivas que se caracterizam por regras, normas de ação e formas de disputa próprias, e compõem universos diferentes. São autônomas quanto às suas determinações legais e, em alguns casos, à sua história. Muitas delas têm entidades reguladoras próprias (federações, associações, confederações, ligas, entre outros) que normatizam e regulam a prática. São exemplos de modalidades esportivas o futebol, o boxe, a natação, entre outras.

O sentido da prática diz respeito às razões e os valores transmitidos por ela. O sentido deriva das condições sociais, culturais e históricas dos indivíduos envolvidos, que exercerão influência sobre a concepção da atividade (*Efeito de apropriação* - BOURDIEU, 1990), e lhe dão significado. O sentido do esporte passa pelo "o que está em jogo", elemento relacionado a interesses materiais, prestígio pessoal e de grupo, e que dá significado à cultura esportiva (STIGGER; SILVA, 2004).

Por se tratar de um fenômeno que exerce transmissão e renovação cultural, pois deriva das características de seus praticantes, o esporte transmite valores, e por isso interfere na formação humana. Esses valores são diferenciados de acordo com o sentido da prática. Por exemplo, uma atividade que transmita segregação e comparações objetivas se diferencia de outra que transmita inclusão e autovalorização.

Por isso, torna-se possível afirmar que o esporte não se expressa por si só, mas de acordo com o sentido que lhe é dado. Afirmações deterministas como *Esporte é saúde; Esporte não é saúde; Esporte é*

segregação; Esporte é integração, se fazem insuficientes, pois qualquer ação esportiva tem de ser contextualizada com relação ao seu ambiente, sentido e modalidade (MARQUES, 2007).

Ambientes de manifestação do esporte e seus possíveis sentidos

De acordo com o artigo 3º do capítulo III da Lei Federal nº 9.615, de 24 de março de 1998, intitulada Lei Pelé (BRASIL, 2007), o esporte pode ser reconhecido no Brasil de acordo com as seguintes manifestações: desporto educacional; desporto de participação; desporto de rendimento. Não ignorando tais determinações, mas estabelecendo uma reflexão, destacada em outro momento (MARQUES, 2007), e nova proposta sobre elas, o *Modelo de concepção das formas de manifestação do esporte* define como ambientes para a prática esportiva:

Esporte de alto rendimento: manifestações formais que buscam a melhora de performance visando otimizar resultados em competições esportivas profissionais. É importante destacar que esse meio remete-se diretamente ao esporte que se molda e se nutre a partir de investimentos, e a busca por lucros. Dessa forma, os atletas atuam de acordo com gratificações e recompensas financeiras e o ponto central e motivador da prática é a busca por melhores resultados e por ascensão financeira.

Esporte de lazer: pautado eminentemente por atividades não-profissionais, vinculadas ou não a formas de ensino não-formais. Esse ambiente se configura a partir do voluntarismo para a prática, ou seja, a busca pela mesma pautada por qualquer motivo que seja desvinculado do profissionalismo. Englobam-se também nesse meio tanto manifestações desprovidas de regulamentação, assim como práticas reguladas por um órgão oficial, que busca a determinação de campeões e seja somente disputada por não-profissionais, visto que os envolvidos não se sustentam financeiramente dessa forma. É preciso ter claro que, embora seja um ambiente delimitado, o *esporte de lazer* ainda apresenta certa heterogeneidade, pois um mesmo garoto que joga futebol na rua e, num outro momento disputa uma partida da mesma modalidade sob as regras da federação competente, ainda o faz em seu momento de lazer, porém, com sentidos diferentes.

Esporte Escolar: ocorrente na escola formal, próprio de aulas de Educação Física, visto que nesse ambiente ele faz parte de todo um projeto pedagógico próprio dessa área de conhecimento e da instituição em que se encontra, o que direciona para determinada concepção de educação que se julgue adequada. É

importante considerar também que o esporte se manifesta nesse ambiente tanto em aulas curriculares quanto extracurriculares, o que pode significar mudança no sentido da prática;

Sentidos da prática esportiva

Nota-se diferentes maneiras de expressão do esporte, ou seja, diversos sentidos da prática, nos três ambientes de formas de manifestação desse fenômeno.

Numa primeira análise, uma distinção que se faz clara é entre práticas controladas por órgãos reguladores oficiais (confederações, federações, ligas, entre outros) e outras sem regulamentação legal. Por exemplo, de um lado o voleibol pautado nas regras internacionais da modalidade, numa partida válida por um campeonato nacional, promovida por determinada confederação, e de outro uma rede armada entre dois postes de iluminação numa rua pública e marcas de limitação da área de jogo pintadas no asfalto.

Nota-se que ambas as formas são voleibol (modalidade esportiva), porém uma se pauta em caráter legal e regulamentado, enquanto a outra em consenso entre os participantes (dois sentidos diferentes). Na primeira, o sentido é a comparação de performances atléticas e o estabelecimento de vencedores, enquanto que a outra pode ter outros fins, como por exemplo, apenas diversão.

Como diferenciação para tais formas pode-se denomina-las, sucessivamente, de *esporte oficial* e *esporte ordinário* (GOMES, 2007), sendo o primeiro pautado na regulamentação, sistematização e universalização das regras por órgãos específicos, com o objetivo primordial de busca por vencedores e comparação direta de performances; enquanto o outro lida com a relatividade e subjetividade de significados atrelados ao consenso entre os praticantes, com o objetivo de atender às necessidades, capacidades, possibilidades, intuitos e expectativas dos mesmos frente à atividade esportiva.

Toda prática ligada ao esporte exige um mínimo de rendimento atlético do participante, seja para superar o oponente, ou simplesmente para que a mesma ocorra. Nessa direção, para que o sujeito consiga participar de práticas com o sentido do *esporte oficial* ele deve apresentar um *rendimento obrigatório* (GOMES, 2007) para o evento em questão. Ou seja, ele tem restrições e possibilidades de ação previstas por regras e normas específicas, e, além disso, como o objetivo é a superação do oponente, deve apresentar performance adequada ao nível de disputa em que se encontra (o que diferencia o nível de dificuldade do confronto entre jogadores profissionais e um campeonato interno de uma empresa).

Já o *esporte ordinário*, por apresentar objetivos variados, permite que o participante apresente somente um *rendimento necessário* (GOMES, 2007) para a prática, ou seja, que ele consiga realizar um mínimo de ações para que a atividade ou a disputa aconteça de forma interessante (por exemplo, alguém que não consiga patinar terá dificuldades em participar de uma prática de hóquei sobre patins). Essa categoria tem seus limites vinculados à forma (modalidade + sentido) que é dada à prática esportiva em questão. Por sua vez, estas podem ser observadas nos ambientes de formas de manifestação do esporte (*escolar*, *lazer* e *alto rendimento*), porém, com certos limites.

Enquanto que o *esporte oficial*, pautado na formalidade e regras determinadas por órgãos reguladores, e por ser um modelo hegemônico e formalizado, pode ser observado nos três ambientes, o *esporte ordinário* se faz próprio somente para o ambiente escolar e de lazer, pois é fruto de um processo de re-significação da prática hegemônica.

Ambas as formas se apresentam como possíveis sentidos para a prática esportiva. Seja como *esporte oficial*, visando a superação do adversário e derivado de regras e normas estipuladas por órgãos reguladores, criados no ambiente de alto rendimento e transpostos para a escola e lazer, ou *esporte ordinário*, uma re-significação das formas regulamentadas, com objetivos distintos.

Dessa forma, os sentidos da prática esportiva adotados nesse modelo serão o *esporte oficial* e o *esporte re-significado* (processo de formação do *ordinário*), que podem ser observados nos ambientes de manifestação do esporte

Relações entre ambientes de manifestação do esporte e seus sentidos

Ambiente 1: Esporte de alto rendimento

O esporte de alto rendimento é pautado na comparação direta e análise objetiva de performances através da valorização do resultado. Tais características apontam para uma prática voltada à constante busca pela melhora de performance atlética e competitiva, exigindo grande dedicação dos praticantes e condições estruturais e materiais de treinamento, o que indica para um ambiente profissional.

O profissionalismo se configura como algo inerente a esse ambiente, e diferenciador entre essa prática e a de lazer, pois possibilita e exige a dedicação integral do atleta à atividade, assim como sua especialização

e o financiamento de toda a estrutura necessária para a realização e aprimoramento do espetáculo esportivo.

No alto rendimento é necessário que as regras e normas de condutas sejam uniformes, possibilitando a prática em qualquer lugar do mundo com igualdade de chances para os participantes e a possibilidade de confronto entre sujeitos de culturas e regiões diferentes. Nesse sentido, é necessário que as regras sejam respeitadas de forma integral e homogênea por atletas e árbitros, o que facilita a difusão e entendimento da prática por um número maior de sujeitos.

Nota-se, nesse ambiente, somente a presença do sentido de *esporte oficial*, pautado em regras e normas universais e reguladas por órgãos específicos, transmitindo os valores morais que lhes dizem respeito. É necessário compreender o esporte de alto rendimento como uma forma assumidamente pautada no profissionalismo, busca por lucros, e melhora de rendimento e comparações, sendo um ambiente no qual os atletas se expõem, estando sujeitos à consagração ou frustração.

É um equívoco advogar contra essa prática na sociedade contemporânea, pois ela desempenha um papel social importante frente ao comércio, Estado, lazer e exerce influência significativa sobre hábitos da população. Porém, além de incentivar atitudes de superação, cooperação, ações em grupo, vivência da vitória e derrota, responsabilidade, compromisso e disciplina, transmite valores de rivalidade, segregação e sobrepujança, os quais devem ser considerados, pois não é em qualquer ambiente que tais ações se fazem adequadas e positivas (MARQUES, 2007).

Um ponto que merece atenção é que essa forma se apresenta como meio de trabalho somente para o atleta e para outros profissionais envolvidos com o espetáculo, sendo um ambiente de lazer para os espectadores e consumidores. Isso acarreta uma transmissão de valores específicos para quem assiste e consome esporte, através de ações dos sujeitos envolvidos. Torna-se necessária certa criticidade e consciência de quem se envolve com esse ambiente para incorporá-lo de forma positiva em sua realidade. E o desenvolvimento dessa capacidade não é somente papel do alto rendimento e dos meios que o divulgam, mas sim, de todo um processo de educação voltado para o relacionamento do sujeito com o esporte profissional.

Nota-se que a educação para o consumo do esporte é tão necessária quanto uma formação moral para acompanhar outros espetáculos, como os televisivos, por exemplo, que transmitem valores que nem sempre se colocam como positivos em todos os ambientes e concepções de educação (MARQUES, 2007).

Portanto, o esporte de alto rendimento não é uma prática a ser banida da sociedade, muito pelo contrário, é um universo que exige conhecimento para ser utilizado, consumido e adequado a ambientes sociais que comportem seus valores e normas de forma positiva, ficando para outros meios, incompatíveis com tais manifestações, formas de atividade esportiva pautadas em outros sentidos e valores. Claro que ele apresenta sérios desvios, como a corrupção e o *doping*, que devem ser questionados e quem sabe até banidos, porém, não é o esporte de alto rendimento que representa um problema, mas sim, o que se faz com ele e como o é praticado e consumido.

Ambiente 2: Esporte de lazer

O esporte de lazer se caracteriza pelo não-profissionalismo e tem como características principais a busca por prazer e socialização, compensação, recuperação ou manutenção da saúde, equilíbrio psicofísico, restauração e relaxamento (DIECKERT, 1984).

A competição e o desejo de superação (seja do adversário, ou de seus próprios limites, ou de um objetivo a ser cumprido) são inerentes ao esporte e presentes também no esporte de lazer. Porém, nota-se nesse ambiente que essa característica pode tanto remeter à rivalidade (tomando como sentido o *esporte oficial*), quanto à realização da prática como principal objetivo (sentido *re-significado*) (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Por isso, é possível afirmar que o esporte de lazer é heterogêneo, pois se percebe tanto a existência de práticas (sempre não-profissionais) com normas oficiais, quanto outras que destas divergem em relação ao sentido das ações. Essas manifestações ampliam-se sob formas diversas, podendo exprimir tanto os valores do esporte profissional, quanto a adaptação da modalidade através da vontade dos praticantes.

Quando pautado no *sentido oficial*, o esporte de lazer tem suas regras padronizadas, iguais ao ambiente profissional e muitas vezes controladas por órgãos reguladores, visando determinar vencedores através de comparação objetiva de performances. Como exemplo: um campeonato federado de voleibol para

crianças, ou entre clubes amadores adultos. Quando *re-significado*, visa proporcionar a melhor participação possível para os praticantes, adequando a prática às necessidades e limitações, não excluindo a competição, mas redirecionando-a de forma a produzir prazer desvinculado à rivalidade ou desprazer de outros. Como exemplo: uma partida de voleibol adaptado entre idosos.

No esporte de lazer pautado no sentido oficial, as regras fixas e padronizadas valorizam mais o jogo do que o jogador, pois impõem uma lógica interna que determina as condutas e os atos motrizes (PAES, 2001). Ou seja, é estabelecido um padrão de funcionamento do processo esportivo, no qual os participantes devem se adequar às normas para poder participar, e o resultado da disputa é mais importante do que a satisfação e bem-estar dos praticantes.

Esse processo de reprodução das especificações do esporte oficial no lazer privilegia os atletas com maior capacidade de adaptação ao jogo, e estimula a ocorrência de situações de comparação de performances e rivalidade. Quando influenciada por tais determinações, a prática esportiva de lazer transmite os mesmos valores do ambiente profissional, como a segregação e busca por vencedores, sem, contudo, reproduzir a relação de trabalho.

O fato de transmitir os mesmos valores do ambiente profissional faz dessa forma um meio pautado em exigências de alto rendimento e tolerância a frustrações as quais nem todos os participantes se encontram preparados. Isso ocorre porque no alto rendimento o sujeito é treinado e recebe recompensa financeira pelos sacrifícios e situações de exposição pessoal às quais se submete, o que não acontece no lazer.

Quando essas normas são aplicadas de forma integral no lazer, o que se observa são praticantes se submetendo às mesmas exigências de performance de profissionais, utilizando processos de disputa similares e comparação direta de performances, porém, sem recompensa financeira.

É importante salientar que isso não representa um desvio de comportamento na sociedade contemporânea, mas sim, a reprodução de uma prática hegemônica, comercializada pelos meios de comunicação (PRONI, 1998). Além disso, é preciso pontuar a existência de atletas não-profissionais que conseguem, mesmo sem a estrutura e incentivos financeiros, alcançar um rendimento obrigatório frente às exigências do esporte oficial de alto nível. Como exemplo, têm-se modalidades disputadas em Jogos Olímpicos e Pan-americanos em que nem todos os participantes se profissionalizaram. Tais sujeitos não

são profissionais e, por isso, praticam esporte de lazer pautado no sentido do esporte oficial. Embora consigam um rendimento obrigatório para fazerem parte do grupo de disputa entre atletas profissionais, não têm seu sustento e ganho financeiro na atividade esportiva.

Já modalidades esportivas não-profissionalizadas também possuem um rendimento obrigatório exigido, porém, mesmo se praticadas sob o sentido de esporte oficial, não fazem parte do ambiente de alto rendimento. Têm o significado de lazer para os praticantes (que não obtém seu sustento nem recompensas financeiras através da prática) e até podem estabelecer certos atrativos financeiros para terceiros e importância competitiva frente ao quadro de medalhas olímpicas, por exemplo. Somente a partir do momento em que existir um movimento de profissionalização, pode-se atestar sua freqüência no ambiente do alto rendimento, visto que isso envolverá não só bons resultados e alta performance atlética, mas também toda uma estrutura mercantil que envolve esse meio (MARQUES, 2007).

De fato, a entrada de um atleta ou modalidade no alto rendimento não é somente seu alto padrão de desempenho, mas o significado de busca por lucros financeiros que se atribui nesse movimento. Por isso, é possível observar altos níveis de realização atlética no ambiente de lazer, pois são sujeitos que alcançam altas performances, porém sem se profissionalizar.

Não é o esporte oficial o fator de desequilíbrio entre exigência e capacidade de realização dos sujeitos, mas sim, o que se faz com ele. O esporte de lazer, quando pautado nessas normas, por exemplo, num campeonato de crianças, regido por uma federação, reproduz as realizações adequadas a um ambiente específico, próprio do esporte oficial, porém, num meio diferente. Por isso, inúmeras aberrações são observadas nessas práticas: especialização precoce, exigência de vitória sobre atletas de final-de-semana, lesões em atletas amadores, entre outras, que representam um desvio sobre os objetivos do esporte como lazer (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2006).

Não é que as normas do esporte oficial não sejam adequadas ao ambiente de lazer, mas demandam dos praticantes capacidades físicas, emocionais e até de interações sociais, de relacionarem-se com as exigências e ocorrências desse meio para transformá-lo numa prática saudável.

Num outro sentido, se apresenta o esporte de lazer re-significado, que deriva das normas e valores hegemônicos do esporte oficial. É, na verdade, uma transformação que apresenta objetivo distinto da

busca exclusiva pela vitória, e prima pela valorização do processo da prática e as vivências que ele proporciona, através da mudança de sentido e significado que os participantes dão à atividade e à possível alteração das regras da disputa.

Isso permite ao praticante que determine as regras e normas a serem cumpridas, moldando-as, assim como o sentido da atividade, de acordo com os interesses e possibilidades do grupo. Essa mudança de sentido pode tornar a prática mais atraente e integrativa, visto que visa excluir a rivalidade do processo competitivo. Assim, a competição continua presente, visto que é algo inerente ao esporte, porém não constitui necessariamente o ponto central da atividade.

O sentido dado à prática deriva da competição. Na verdade, é o valor que se dá ao resultado desta que determina o sentido a ser adotado na atividade (PAES, 2001). Se a determinação de vencedores é prioridade, toma-se proximidade ao esporte oficial. Já se a competição tem um caráter de estimular a prática, estabelecendo maiores possibilidades de adaptação da mesma aos participantes, há o apontamento para o esporte re-significado.

A competição no esporte de lazer re-significado pode ocorrer de diferentes maneiras, seja como uma tarefa a ser realizada pelos participantes (uma corrida em longa distância), a superação pessoal de marcas anteriores (melhora dos índices de um nadador amador de academia), ou como meio de motivação para a atividade (dois grupos de amigos que jogam futebol na praia).

A simples alteração de regras não garante uma mudança de sentido do jogo, visto que esse depende também de um consenso entre os participantes em relação aos objetivos da prática. Em alguns momentos, o exagero de adaptação das normas pode alterar em demasia a dinâmica do jogo, descaracterizando-o ou retirando sua atratividade. É preciso que o objetivo final seja contextualizado e informado aos participantes, para que se torne algo de conhecimento de todos.

No esporte de lazer re-significado as modificações das regras oficiais da modalidade ocorrem para que haja uma vinculação destas aos objetivos e possibilidades dos participantes e, conseqüentemente, ao prazer pela atividade (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2006).

A adaptação de regras no esporte de lazer re-significado é uma forma de direcionar a prática para um sentido que agrade aos participantes e que transmita valores coerentes com o ambiente em que se insere. A principal meta dos envolvidos não é somente ganhar (claro que isso está presente, pois é um fator motivador para o jogo), mas é também vivenciar sensações provocadas pela disputa e esforço físico dentro de um contexto de oposição (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2006).

O esporte como lazer re-significado implica numa mudança de sentido da prática esportiva hegemônica onde, ao invés dos participantes se adequarem às normas (o que acontece no esporte oficial e causa a segregação e comparação de capacidades individuais), é a atividade que é moldada para atender aos objetivos, expectativas, limitações e capacidades dos participantes. Nesse processo, tanto as normas quanto as formas da disputa podem ser gerenciadas e determinadas pelos participantes (o que não ocorre no esporte oficial). Essa heterogeneidade na ação criativa mantém vivos o desejo e a possibilidade do jogo, do divertimento e da sociabilidade (STIGGER, 2002). A transmissão de valores morais ocorre de acordo com o direcionamento dado pelo grupo participante, e interfere no processo de formação humana dos envolvidos.

Caracterizadas as duas possibilidades de sentido para o esporte de lazer, cabem algumas considerações. É importante salientar que, embora transmita valores voltados ao individualismo e superação do oponente, o esporte oficial não pode ser tomado como o “mal a ser combatido”, pois sua prática pode ser positiva em determinados contextos e colaborar num processo de formação moral. É necessário que o sentido adotado para a prática esportiva seja adequado ao ambiente em que ela ocorre, e seus valores transmitidos de forma consciente pelos participantes e promotores da atividade.

Ambiente: Esporte escolar

A escola teve papel fundamental na gênese do esporte moderno e ainda hoje ocupa local de destaque frente à disseminação da prática contemporânea, visto que é nas aulas de Educação Física escolar que muitas crianças têm seus primeiros contatos com manifestações esportivas sistematizadas.

O esporte na escola é importante por várias razões: ser um dos conteúdos da Educação Física, de ser a escola uma agência de promoção e difusão da cultura e até mesmo por questão de justiça social, uma vez que em outras agências o acesso ao esporte será restrito a um número reduzido de crianças e de jovens associados de clubes esportivos ou clientes de academias e/ou de escolas de esportes (PAES, 2002).

Atualmente, o esporte é tido como um dos conteúdos da cultura corporal. Por ser esta forma de conhecimento objeto específico da Educação Física escolar, esse fenômeno toma o status de um dos componentes próprios dessa disciplina. Porém, pode-se perceber que nesse ambiente o esporte não se manifesta somente em aulas curriculares. É muito comum a ocorrência de práticas extracurriculares, às vezes até com sentidos diversos dos aplicados nas aulas ligadas ao currículo básico da escola.

O ambiente próprio do esporte escolar se diferencia dos outros dois já citados por sua vinculação ao ideal de educação, ou seja, ele não tem como objetivo único o ensino e disseminação da cultura esportiva. Na verdade, deve ter objetivos pedagógicos que transcendam os do esporte com fim em si mesmo, com o principal intuito de formação do indivíduo cidadão, através dos conteúdos e valores que transmite, porém sem desconsiderar seu conhecimento específico. Além disso, o foco principal não se faz na formação de atletas, mas sim na garantia de que todos os alunos exercitem o direito de aprender esporte (PAES, 2001).

Nota-se que essa perspectiva leva a um ensino baseado não só no realizar técnico do esporte, mas também a uma reflexão acerca dos valores transmitidos por ele. Dessa forma, o esporte escolar se apresenta como um ambiente amplo de possibilidades, onde podem ser observados tanto o esporte oficial, quanto o re-significado.

Para justificar e fazer sentido sua presença no currículo de educação formal, o esporte escolar deve estar vinculado ao projeto pedagógico da escola em que é ensinado (PAES, 2002). Essa afirmação abre flancos para uma compreensão heterogênea desse ambiente de prática esportiva, pois considerando que é um fenômeno que sempre transmite valores e mantém, em qualquer hipótese, seu caráter educacional e formativo, o esporte se manifesta na escola de acordo com a concepção de educação adotada, ou seja, pode-se tanto perceber seu uso para transmitir valores ligados ao sentido oficial quanto re-significado.

Tomando como concepção ideal de educação a perspectiva de formar cidadãos conscientes e críticos frente às manifestações esportivas em nossa sociedade, possibilitando o direito de vivenciar a prática e os valores transmitidos por ela, o esporte oficial se coloca como um reforçador da lógica meritocrática e comercial do alto rendimento. Não que esse modelo deva ser extinto do ambiente escolar, muito pelo contrário, mas a prática vinculada somente a manifestações ligadas a um modelo hegemônico leva à transmissão de valores como a segregação, comparação de performances, prazer no desprazer do outro, entre outros.

Nessa perspectiva em questão, re-significar o esporte se coloca como uma forma de possibilitar aos alunos a vivência prática desse fenômeno sócio-cultural e a transmissão de valores e significados como a valorização e reconhecimento de capacidades individuais, integração social, competição sem rivalidade, entre outros.

O ato de re-significar o esporte na escola não significa uma crítica estrutural e definitiva ao esporte oficial, pelo contrário, é uma forma de transmitir conteúdos, regras e formas de disputa desse modelo, porém pautado em situações mais propícias à vivência prática de todos os alunos, respeitando suas limitações, capacidades, objetivos e expectativas. Além disso, implica numa formação crítica sobre um modelo único de prática, colaborando para a formação de cidadãos que irão consumir o esporte de alto rendimento, porém, de forma mais consciente em relação às questões sociais, políticas e econômicas que envolvem a perspectiva comercial desse fenômeno.

Por essa razão, ao citar a re-significação do esporte na escola não se sugere somente a alteração de regras e objetivos da prática esportiva nesse ambiente, mas também alternativas quanto a condutas, e a possibilidade de momentos de reflexão e discussão sobre valores transmitidos pela atividade esportiva.

Porém, é preciso considerar também a importância e a forte presença do esporte de alto rendimento na sociedade contemporânea. Nega-lo ou educar para a sua negação significa um equívoco. A questão é formar para um consumo preparado, crítico frente aos abusos desse ambiente (*doping*, corrupção, exploração), e adepto aos seus acertos (entretenimento, manifestações de *fair play,* respeito às regras, disciplina), que também se fazem positivos num processo educacional (MARQUES, 2007).

Independente do sentido aplicado ao esporte no ambiente escolar, é necessário cuidado com o processo de especialização esportiva precoce (PAES, 2002). Por isso, deve ser oferecido ao aluno a maior gama possível de oportunidades de vivência e conhecimento dentro das modalidades esportivas nas aulas de Educação Física, cabendo o treinamento e a especialização para outros momentos mais adequados, como por exemplo, um outro ambiente de manifestação (Lazer, através de clubes), ou aulas extracurriculares na própria escola.

Um exemplo dessa preocupação nota-se na criação, por parte da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE), de turmas de Atividades Curriculares Desportivas (ACD), que se caracterizam como um

momento de treinamento e aprendizado de práticas esportivas específicas, fora do horário de aulas curriculares, com a intenção de proporcionar ao aluno que se interesse por determinada modalidade, seu aperfeiçoamento e aprimoramento, objetivando a formação de equipes representativas das escolas. O avanço desta iniciativa é proporcionar um ambiente específico e propício ao ensino do esporte oficial, porém sendo voluntária a participação e desvinculada das aulas curriculares de Educação Física, estando esse outro momento destinado a um processo vinculado aos princípios de re-significação do esporte e maior democratização da prática, com fins de integração social dos alunos.

Com esta iniciativa, a SEE procura ao mesmo tempo proporcionar um treinamento organizado àqueles alunos-atletas que demonstram habilidades específicas para os diversos esportes, bem como garantir que durante as aulas regulares de Educação Física todos os alunos possam participar sem a preocupação com o desempenho, uma vez que não existe a necessidade de se sobressaírem para obter a atenção especial dos professores. Com esta medida é garantido o princípio da inclusão nas aulas regulares de Educação Física uma vez que a "especialização" (claro que com limites, considerando o perigo da precocidade) é reservada às turmas de ACD DE SÃO PAULO, 2007).

Essa iniciativa reserva às aulas curriculares de Educação Física o objetivo de ensinar os conteúdos da cultura corporal, sem preocupação e direcionamento para práticas esportivas "oficializadas". É um avanço, pois dedica um espaço adequado na escola para tal prática e ainda garante o direcionamento do conteúdo para o atendimento às necessidades de todos os alunos durante as aulas regulares.

Sendo o ambiente do esporte escolar um meio voltado ao desenvolvimento de um conteúdo da Educação Física escolar, este deve ser ensinado de acordo com o projeto pedagógico próprio da instituição em que se encontra, respeitando os objetivos e concepção de educação do mesmo, através de vivências de aprendizagem de práticas esportivas. Além disso, pode buscar a criação de raízes positivas do esporte na vida dos sujeitos, para que eles saibam, gostem e possam incorporar tais práticas em seus hábitos e compreenderem o universo esportivo como positivo para suas vidas, desde que encarado com consciência e senso crítico (MARQUES, 2007).

A presença do esporte no ambiente escolar deve garantir a todos os alunos a vivência e oportunidade de aprendizagem de ações e valores que a atividade esportiva pode oferecer, e ser um meio de prática de atividade física que incentive o interesse e incorporação desta no hábito dos alunos.

Considerações Finais

O modelo apresentado nesse trabalho se baseia nas possibilidades de aplicação pedagógica do esporte e em suas manifestações voluntárias na sociedade contemporânea. Por essa razão, procura contribuir de forma a abarcar a grandeza do caráter heterogêneo desse fenômeno, apontando especificidades em relação às categorias apontadas: ambiente, modalidade e sentido da prática.

Torna-se importante frisar que as formas de manifestação do esporte são formadas de acordo com os indivíduos envolvidos, seus objetivos e intenções para com a atividade esportiva, e por isso, carregam muitos significados e símbolos culturais desses sujeitos.

É nesse sentido que o *Modelo de concepção das formas de manifestação do esporte* procura ser uma forma de análise do fenômeno esportivo que contribua na interpretação e intervenção sobre atividades esportivas heterogêneas na sociedade contemporânea.

Referências

BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

______. Programa para uma sociologia do esporte. In: ______. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207-220.

BRASIL. Ministério dos Esportes. Decreto-lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Lei Pelé. *Diário Oficial Federal.* Brasília. Disponível em: <http://www81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1998/9615.htm>. Acesso em: 22 jun. 2007.

DIECKERT, J. Peculiaridade e autonomia do esporte de lazer. In: DIECKERT, Jurgen. (Org.). *Esporte de lazer*: tarefa e chance para todos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984. p.1-12.

GOMES, A. C. *Curso de pós-graduação em treinamento desportivo*. São Paulo: UNIFESP, 2007.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. Esporte na empresa: a complexidade da integração interpessoal. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 27-36, jan/mar, 2006.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo:estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-244, set./dez. 2007.

MARQUES, R. F. R. *Esporte e qualidade de vida*: reflexão sociológica. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

PAES, R. R. *Educação Física escolar*: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed. da Ulbra, 2001.

______. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE JR., D. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência*: uma abordagem multidisciplinar**.** Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

PRONI, M. W. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Atividades curriculares desportivas*: 2002. Disponível em: <http://cenp.edunet.sp.gov.br/index.htm>. Acesso em: 26 jun. 2007.

STIGGER, M. P. *Esporte, lazer e estilos de vida*: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.

STIGGER, M. P.; SILVA, R. da. A. A prática da "bocha" na SOERAL: entre o jogo e o esporte. *Movimento*, Porto Alegre, v.10, n. 2, p. 37-53, maio/ago. 2004.

Renato Francisco Rodrigues Marques

Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista

Gustavo Luis Gutierrez

Faculdade de Educação Física/Unicamp

Email gutierrez@fef.unicamp.br

Marco Antonio Bettine de Almeida

Faculdade de Educação Física/Unicamp

Recebido em 02/07/08
Ao parecerista: 07/07/2008
Aceito em: 16/07/08